

MARCELINO, José

*dep. geral BA 1886-1889; gov. BA 1904-1908; sen. BA 1909-1917.

José Marcelino de Sousa nasceu no engenho Nossa Senhora da Conceição, em São Filipe (BA), no dia 15 de outubro de 1848, filho do coronel Joaquim Anselmo de Sousa, proprietário de terras na região, e de Delfina Rosa de Sousa.

Após os primeiros estudos em Salvador, prosseguiu na Faculdade de Direito do Recife, graduando-se em 1870. Retornou à Bahia para assumir o posto de promotor público, inicialmente na capital, e depois na cidade de Nazaré, onde passou a juiz municipal e de órfãos entre 1875 e 1878. Abandonou então a magistratura e passou a se dedicar à política, filiando-se ao Partido Conservador.

Elegeu-se deputado geral para a legislatura 1886-1889, havendo-se aliado à corrente que defendia a abolição da escravidão e a instituição do regime federalista. Proclamada a República, candidatou-se às eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em 1890, mas não foi eleito. Candidatou-se então às eleições estaduais, conseguiu ser eleito senador para a Assembleia Constituinte estadual e participou da elaboração da Constituição do estado da Bahia. Em novembro 1891 identificou-se com José Gonçalves quando este foi deposto do governo do estado por haver apoiado o golpe de Deodoro da Fonseca, num período de grande instabilidade política. Apoiou o governador Rodrigues Lima (1892-1896) e acompanhou o conselheiro Luís Viana na cisão do Partido Federalista Republicano, em 1893. Logrou ser reeleito para o Senado estadual em 1895. Presidiu a comissão executiva do Partido Republicano da Bahia (PRB), fundado em 1901, e aproximou-se do governador Severino Vieira (1900-1904). Ao término do mandato deste, foi por ele indicado seu sucessor. A dissidência seabrista indicou o nome de Rui Barbosa para concorrer ao pleito, mas Rui não aceitou a candidatura.

Candidato único, José Marcelino foi eleito governador da Bahia para o período 1904-1908, apoiado pelo setor agrocomercial da burguesia. A Bahia vivia grave crise financeira, com atraso de oito meses no pagamento do funcionalismo. Em sua administração, modernizou as técnicas agrícolas produtivas, especialmente as da cana-de-açúcar; ampliou

o sistema de transportes fluvial, marítimo e ferroviário do estado, destacou-se como construtor de vias de transportes e grande reorganizador da Companhia de Navegação Baiana e da Viação do São Francisco. Adotou medidas rigorosas de controle de gastos e aumento da arrecadação, inclusive estabelecendo imposto de 20% sobre os vencimentos do funcionalismo público e 30% sobre os dos aposentados, e reduzindo-o a 20% para os maiores de 70 anos. Contudo, todos os aposentados que apelaram para a Justiça tiveram ganho de causa, apontando a inconstitucionalidade da medida. Decidido a estabilizar o Tesouro, cortou subvenções estatais a instituições de ensino, entre as quais a Faculdade de Direito, a Escola Politécnica, a Escola de Belas Artes e o Liceu de Artes e Ofícios. Diante da impopularidade de tais medidas, também buscou contornar a crise financeira contraindo empréstimos externos.

Em 1906, foi ferido levemente, num atentado a bordo do vapor *Maurício Wanderley*, no trajeto de Nazaré a Salvador. Supôs-se que o autor do atentado, José Circuncisão da Silva, havia sido contratado por seus inimigos políticos, mas nada ficou comprovado.

Em 1907, ao fim de seu governo, José Marcelino rompeu com Severino Vieira, no que ficou conhecido como o “grande cisma do PRB”. O rompimento deveu-se a divergências em relação à sucessão estadual. José Marcelino indicou João Ferreira de Araújo Pinho, mas a escolha não foi aceita por Severino Vieira, que lançou o nome de Inácio Tosta. A crise originou duas correntes políticas no PRB: os severinistas e os marcelinistas. O candidato de José Marcelino ganhou o apoio de Rui Barbosa, Pinheiro Machado, J. J. Seabra, e do presidente da República Afonso Pena (1906-1909). Severino Vieira, em contrapartida, tinha grande força no PRB e no Legislativo estadual. A disputa foi vencida pelo grupo marcelinista, que elegeu Araújo Pinho.

Deixando o governo, em 1909 José Marcelino candidatou-se a senador federal contra Virgílio Damásio, que disputava a reeleição. O controvertido resultado da eleição foi decidido no Senado Federal, que deu a vitória a Marcelino. No mesmo ano José Marcelino participou da Campanha Civilista, a favor da candidatura de Rui Barbosa à presidência da República, contra o marechal Hermes da Fonseca. Tentou impedir a ascensão política de J.

J. Seabra ao governo da Bahia, mas Seabra conquistou o governo, apoiado por ação militar federal que resultou no bombardeio de Salvador em 1912.

Faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 26 de abril de 1917, aos 68 anos, um ano antes de concluir o mandato de senador.

Escreveu *Crise da lavoura* (1887).

Silvia Noronha Sarmiento/ Consuelo Novais Sampaio

FONTES: ABRANCHES, J. *Governos* (p 266, 352, 441); ARAGÃO, A. *Bahia* (p. 165-193); *Revista da Fundação Pedro Calmon* (ano II, v. 2, p.161-162, 1997). *José Marcelino*; SAMPAIO, C. *Partidos* (p.72-84).